

O DESAFIO DA FALA PÚBLICA FEMININA: SEXISMO E POLÍTICA¹

EL RETO DEL DISCURSO PÚBLICO FEMENINO: SEXISMO Y POLÍTICA

THE CHALLENGE OF FEMALE PUBLIC SPEECH: SEXISM AND POLITICS

Marlène Coulomb-Gully*

Universidade de Toulouse – Jean Jaurès – França

Tradução de Amanda Batista Braga (UFPB) e Vanice Sargentini (UFSCar)

RESUMO: Recém-chegadas à política, as mulheres tiveram que se impor nesse universo, apreender uma palavra codificada por e para os homens, jogar com as regras de uma eloquência que lhes era inacessível. Este texto problematiza o fato de que as mulheres, em especial na política, não têm lugar na ordem do discurso. Insultos, interrupções sistemáticas, críticas à sua voz – ora inaudíveis, ora muito agudas –, são formas de silenciá-las. Além disso, interessa-nos discutir: que eloquência as mulheres mobilizam? Apoiam-se nas regras de uma retórica inventada pelos homens ou inovam? Ao fim de nossa exposição, pontuando lugares de resistência já atualmente articulados, será possível vislumbrar uma reorganização dos lugares de fala pública pelas mãos femininas: elas reabilitarão vozes agudas, vozes marginais e marginalizadas, sotaques populares, sotaques regionais, defenderão a biodiversidade das vozes. Elas nos lembrarão de que é também preciso educar a escuta.

PALAVRAS-CHAVE: Sexismo. Mulheres. Fala pública. Eloquência. Política.

RESUMEN: Recién llegadas a la política, las mujeres debían imponerse en este universo, apoderarse de una palabra codificada por y para los hombres, jugar con las reglas de una elocuencia que les era inaccesible. Este texto problematiza el hecho de que las mujeres, especialmente en la política, no tienen cabida en el orden del discurso. Los insultos, las interrupciones sistemáticas, las críticas a su voz -a veces inaudibles, a veces muy agudas- son formas de silenciarlos. Además, nos interesa discutir: ¿qué elocuencia movilizan las mujeres? ¿Se rigen por las reglas de una retórica inventada por los hombres o innovan? Al final de nuestra exposición, puntuando lugares de resistencia ya articulados actualmente, se podrá vislumbrar una reorganización de los lugares de discurso público por manos femeninas: rehabilitarán voces agudas, voces marginales y marginadas, acentos populares, regionales acentos, defenderán la biodiversidad de las voces. Nos recordarán que también es necesario educar a la escucha.

¹ Artigo traduzido e revisado pelas professoras Dra Amanda Batista Braga (UFPB) e Dra Vanice Sargentini (UFSCar). Este artigo contém passagens do livro: COULOMB-GULLY, Marlène *Sexisme sur la voix publique. Femmes, éloquence et politique*. La Tour-D'Aigues – France: Éditions de L'Aube, 2022. "

* É professora emérita da Universidade de Toulouse – Jean Jaurès. Sua pesquisa se concentra em gênero, política e mídia. Dentre outros, ela publicou os livros seguintes: *Sexisme sur la voix publique: femmes, éloquence et politique* (L'aube, 2022); *Femmes en politique, en finir avec les seconds rôles* (Nouveau Monde, 2016); *Présidente, le grand défi* (Payot, 2012).

PALABRAS CLAVE: Sexismo Mujeres. Hablar en público. Eloquencia. Política

ABSTRACT: Newcomers to politics, women had to impose themselves in this universe, seize a word coded by and for men, play by the rules of an eloquence that was inaccessible to them. This text problematizes the fact that women, especially in politics, have no place in the order of discourse. Insults, systematic interruptions, criticism of their voice – sometimes inaudible, sometimes very high-pitched – are ways of silencing them. Furthermore, we aim at discussing: what eloquence do women mobilize? Do they rely on the rules of a rhetoric invented by men or do they innovate? At the end of our discussion, identifying places of resistance currently articulated, it will be possible to glimpse a reorganization of the places of public speech by female hands: they will rehabilitate high-pitched voices, marginal and marginalized voices, popular accents, regional accents, they will defend the biodiversity of voices. They will remind us that it is also necessary to educate the listening process.

KEYWORDS: Sexism. Women. Public speaking. Eloquence. Politics.

1 O ESTEREÓTIPO DA MULHER TAGARELA

Tagarelas, as mulheres? A crença é fortemente ancorada no imaginário coletivo e alimentada por toda uma tradição popular que as retratam, na melhor das hipóteses, como prolixas e frívolas, e na pior, como maliciosas: todo um espectro de variações mobilizado sobre a personagem da mulher fofoqueira ou da megera (não necessariamente domesticada) que insulta aqueles que a cercam. Recentemente, a Biologia veio ao encontro desse estereótipo com a descoberta da proteína FoxP2, produzida pelo “gene da fala”, como ficou conhecido, e da qual as mulheres parecem ser mais bem providas do que os homens, segundo um estudo da Universidade de Medicina de Maryland (Estados Unidos). A enorme cobertura dessas pesquisas na grande imprensa e nas mídias diz muito sobre o sucesso dessa crença popular.

É, no entanto, uma outra história que nos contam os trabalhos científicos. O estudo mais citado foi conduzido pela pesquisadora Corinne Monnet (1998); sua notoriedade, por razões simétricas àquelas que apontamos acima, ultrapassam largamente o círculo restrito da audiência acadêmica ao qual ele deveria se limitar. Analisando diálogos entre homens e mulheres em um contexto conversacional, ela demonstra que são os homens que falam mais, uma conclusão que confirma inúmeros trabalhos anteriores². Interrogando-se sobre a disparidade entre o estereótipo e a realidade, ela passa à explicação seguinte: na vida cotidiana, a fala das mulheres não é avaliada com os mesmos critérios que a fala dos homens, mas em vista das expectativas coletivas relativas às mulheres, das quais se espera silêncio em público. Esse pressuposto explica também que uma mulher que fala tanto quanto um homem é percebida como uma tagarela: um desigual padrão revelador da diferença de percepção de um mesmo comportamento de acordo com o sexo do indivíduo. Assim como a sociedade de modo geral, o exercício de fala é regido por relações de poder e relações de força, no seio das quais o gênero dos indivíduos é determinante.

2 NO CERNE DAS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO DE GÊNERO, A FALA

Por meio da popularidade inesperada desses trabalhos científicos, vemos que a fala e seu corolário, o silêncio, têm um papel central na definição das relações entre os sexos: é o homem que fala. As mulheres, por seu turno, relatam regularmente dificuldades de se impor por meio da voz, inclusive em cargos de responsabilidade: seus turnos de fala são menos frequentes e mais curtos, muitas vezes em forma de perguntas ou de pedido de esclarecimento sobre aquilo que acaba de ser dito etc. As mulheres têm sempre dificuldade de impor sua voz e continuam a se posicionar como dominadas nas trocas discursivas. Um estudo publicado em março de 2021 pelo *Conseil supérieur de l'audiovisuel* (CSA) em colaboração com o *Institut national de l'audiovisuel* (INA) revela que, nas mídias, se as mulheres estão presentes em 41% do tempo, seu tempo de fala não é mais do que 35% (CONSEIL, 2021).

² “Apenas dois dos cinquenta e seis estudos publicados entre 1951 e 1991 consideraram que as mulheres falam mais que os homens”, observa Anne Karpf (2008, p. 275). Uma conclusão que confirma todos os estudos recentes (CHEMIN, 2017; LHÉRÉTÉ; NAVARRE, 2019).

Quanto aos homens, habituados a reinar sem compartilhar um espaço público do qual as mulheres estão ausentes há tanto tempo, e encorajados desde a infância a se exprimir e a fazer barulho, enquanto a calma, a escuta e a discrição são intimadas às meninas, têm dificuldades de renunciar a uma fala que consideram como sua por direito. As grandes elucubrações líricas, as retrospectivas brilhantes e os relatos exuberantes de um futuro promissor, essas palavras que marcam o espírito e convencem sobre a superioridade de quem as profere, são na maioria das vezes prerrogativa dos homens.

E quando as mulheres tomam a palavra, elas rapidamente a tomam de volta: o “*maninterrupting*” – termo que se colocou recentemente – é característico dessa situação. Resumindo inúmeros trabalhos sobre a desigual divisão da fala entre homens e mulheres, o antropólogo social David Le Breton conclui a propósito das mulheres: “Mesmo quando ela não fala nada, ela ainda fala muito” (LE BRETON, 2011, p. 51).

Os homens teriam igualmente o péssimo hábito de dar sermão às mulheres e de lhes explicar com força e autoridade (com condescendência e paternalismo?) o que convém pensar... inclusive em assuntos nos quais elas são especialistas, uma atitude qualificada pelos anglo-saxões de “*mansplaining*” (SOLNIT, 2014).

A voz das mulheres são também objeto de críticas regulares: “muito aguda”, “histórica”, “mal colocada”, “parecida com unhas sobre um quadro negro”, “aguda”, “desagradável”, “inaudível”, “muito frágil”, ou “não muito segura”. Em suma, sempre “muito” ou “muito pouco”: há maneira melhor de dizer às mulheres que elas são “excessivas”?

3 O #METOO E DEPOIS

Desde o #metoo, a “libertação da fala das mulheres” aparece como uma evidência e elas são mais do que nunca encorajadas a “tomar a palavra”, a tal ponto de as injunções de falar que lhes são feitas parecerem às vezes tão rigorosas quanto as interdições que lhes foram imputadas há tanto tempo. E muito mais culpabilizantes: como não tomar a palavra quando tudo é feito para lhe encorajar a fazê-lo?

Mas os espaços de fala são a expressão das relações de poder, e as mulheres que falam encontram múltiplos obstáculos que podem fazer com que elas prefiram se calar: as incivildades de gênero são inúmeras, desde as pequenas humilhações que nós acabamos de descrever até as violências mais brutais, como o assédio e as injúrias sexistas que ocorrem quando as mulheres se expressam nas redes sociais. Elas parecem, então, capturadas em injunções contraditórias: às vezes encorajadas a falar, mas também punidas quando o fazem, de modo que o silêncio aparece ainda muito recorrentemente como a melhor forma de se proteger.

No entanto, falar em público é uma das dimensões constitutivas da cidadania, e mais ainda do exercício político (FRASER, 1992). Quem não acessa a fala é reduzido(a) ao silêncio ou é falado(a) pelos outros (as): objeto da fala e não sujeito de sua própria fala. Se o princípio da representação política evidencia mais o “nós” do que o “eu” constitutivo do indivíduo, a terceira pessoa (“ele” ou “ela”) permanece exterior ao ato de fala, condenado a ser a “não pessoa” de que fala Benveniste, aquele ou aquela que é omissa(a) ou que foi “omitido(a)” (BENVENISTE, 1974).

“E há muitos silêncios a serem quebrados”, escreve Audre Lorde (2019, p. 55), feminista negra e lésbica: ela lembra que a voz não pode ser privilégio de alguns e nem mesmo de algumas (das mulheres brancas e educadas). A voz compartilhada e o acesso à fala, concebida como bem comum, são a base da cidadania e contribuem diretamente para a vitalidade democrática.

4 UM EPISÓDIO REVELADOR DA CAMPANHA PRESIDENCIAL FRANCESA (2022)

Em 13 de fevereiro de 2022, Valérie Pécresse sobe ao palco do Zénith para proferir seu grande discurso na campanha presidencial. A sala está cheia, as bandeiras azul-branco-vermelhas se agitam em todas as direções, música ao fundo, a atmosfera está superaquecida: “Nós vamos ganhar! Nós vamos ganhar”, “Valérie, Valérie, Valérie...!”, entoam os(as) participantes. Depois a candidata toma a palavra: “Enfim, enfim estamos todos aqui reunidos... Vocês me fizeram falta!”.

O pronunciamento mal começou, os internautas soltam seus comentários: “Isto é ‘ridículo na política!’”, “Socorro!”, “Ela tem o carisma de uma ostra, a convicção de um avestruz e a eloquência de um asno”. Algumas horas mais tarde, as mídias acrescentam: “Um naufrágio” (*L’Indépendant*), “Foi o Titanic” (*Le Monde*, retomando a expressão de uma pessoa próxima à candidata) etc.

Raros são os pronunciamentos que suscitam tal unanimidade, com exceção, talvez, do pronunciamento de política geral proferido por Edith Cresson 30 anos antes: novamente uma mulher. O que essas reações nos dizem sobre os desafios da fala feminina?

5 REDUZIR O ZOOM: “MULHER, CALE-SE” OU A LONGA HISTÓRIA DO SILÊNCIO DAS MULHERES

Em um notável ensaio, a especialista em Antiguidade Mary Beard observa que “quando se trata de silenciar as mulheres, a cultura ocidental tem milhares de anos de prática” (BEARD, 2018). A *Odisséia* de Homero, *A assembleia das mulheres* de Aristófanes, as *Metamorfoses* de Ovídio etc, todos nos contam a mesma história: uma história sobre “fechar o bico” das mulheres. Uma longa tradição literária e filosófica, a igreja, a misoginia dos clérigos e de inúmeros textos medievais transmitiram esta injunção ao silêncio, que foi retomada pelas normas de decoro burguesas que exigem silêncio e discrição às mulheres. Esta não é a prova de que não era fácil silenciar as mulheres e de que os homens não estavam dispostos a compartilhar o poder da fala com aquelas que se apresentavam, sem dúvida, como potenciais concorrentes?

Em 2020, em razão da COVID, as provas orais foram suspensas em muitos concursos de admissão (na universidade, em faculdades etc) e os (as) candidatos(as) foram selecionados/as apenas por meio de resultados obtidos em prova escrita: a proporção de meninas aprovadas na *École Normale Supérieure*, por exemplo, na carreira literária, passou de 54% para 67%. Continua a se manifestar, naquilo que se refere à tomada da palavra, uma relação de dominação e de exclusão de gênero construída por séculos, talvez milênios de patriarcado.

6 TOMAR A PALAVRA, SEJA COMO FOR: O DESAFIO FEMININO DE FALAR EM PÚBLICO

“Tomamos a palavra como tomamos a Bastilha” escrevia o filósofo Michel de Certeau em maio de 1968: falar em público é uma das dimensões constitutivas da cidadania (FRASER, 1992), e mais ainda do exercício político. Com efeito, quem não tem acesso à fala é reduzido(a) ao silêncio ou falado(a) por outros(as), objeto e não sujeito do discurso, uma “não-pessoa” para usar as palavras de Benveniste (1974).

Ora, o “metier político” baseia-se em regras estabelecidas por e para homens: gosto pela competição, destreza física, carisma, poder de oratória... qualidades próprias ao exercício político, tais como foram forjadas ao longo do século XIX e reforçadas em locais de sociabilidade masculina (internato, universidade, seminário, exército, bordel, etc.). Acrescentemos que a Revolução Francesa e seus Mirabeaus, Danton ou Desmoulins deram suas cartas de nobreza à disputa revolucionária, baseada em uma voz estrondosa, em gestos amplos e em uma expressão poderosa, que marcou profundamente nossa concepção de eloquência política (viril, se é assim que se compreende).

Como, então, as mulheres conseguem se fazer ouvir, se foram excluídas de um universo político construído sem elas e mesmo contra elas? Como tomar a palavra como “mulher pública” quando esta expressão evoca uma prostituta, como falar como uma “governanta”

quando o termo se refere primeiramente ao cuidado dos filhos, ou ainda como subir à tribuna quando a "tribuna/ tribun"³ declina unicamente ao homem? As palavras do discurso e do poder há muito foram confiscadas pelos homens e esta é a medida do amplo desafio que as mulheres enfrentam quando, sob o ímpeto das chamadas leis de "paridade" votadas a partir de 2000, entram na arena política (COULOMB-GULLY, 2012).

7 NO PARLAMENTO, ESTE LUGAR ONDE FALAMOS: *VOX POPULI, VOX VIRI?*

"Desabote os botões!", grita um Deputado quando, em um dia de verão em 2012, a Ministra da Habitação Cécile Duflot pega o microfone para responder a uma pergunta de um representante eleito. Em 9 de outubro de 2013, a Deputada da EELV, Véronique Massonneau, toma o microfone para debater a reforma previdenciária quando um grupo de parlamentares de direita, risonho, imita o cacarejo das aves. As propostas de Alice Thourot, Deputada do LREM, sobre o projeto de lei que pauta a moralização da vida pública são saudadas com balidos de cabra nas bancadas da oposição (3 de agosto de 2017), etc. As observações são recorrentes, a ponto de ter sido criado um site com um nome sugestivo ("Cadeira Colaborativa"), que lista as ocorrências de sexismo no recinto da Assembleia. Sua leitura nos dá vertigem (CHAIR, 2016). Claire Oger observa que não é a presença das mulheres na política que desencadeia o insulto sexista, mas a sua tomada de palavra. (OGER, 2006).

Simone Veil, que apresentou o projeto de lei sobre a legalização do aborto em 1974, adotou uma postura de humildade que diz muito sobre a rede de constrangimentos – políticos, mas também discursivos – em que se encontra presa: "Gostaria de compartilhar com vocês uma convicção de mulher – peço desculpas por fazê-lo diante desta assembleia quase exclusivamente composta por homens – ...". Posicionamento tático que Michel de Certeau caracteriza como o recurso dos dominados quando os dominantes estabelecem as "estratégias".

Trinta anos depois, em 1991, a recepção do discurso sobre política geral de Edith Cresson, a primeira mulher a ocupar tal posição, remete-a à sua condição "feminina" que naturalmente usurpou uma função de soberania atribuída aos homens. Foi preciso esperar até 2013 e o discurso de Christiane Taubira sobre o projeto de lei chamado "casamento para todos" para ver uma mulher, uma mulher negra, ser saudada por sua atuação oratória: mobilizando uma estratégia de distinção e de raros recursos discursivos, ela conseguiu afastar a maldição.

8 PORTA-VOZ DO GOVERNO: "UM NOVO EMPREGO PARA *MEUFS*"⁴?

A surpreendente formulação é emprestada de Sibeth Ndiaye, nomeada para a função de porta-voz do governo em 2019 e que declarou em um tweet: "Informar e explicar o que o governo faz pelo seu dia a dia: este é meu novo trabalho", enquanto saudava a morte de Simone Veil com um muito criticado (embora pronunciado em off) "Sim, a *meuf* está morta". O uso descontraído de um francês misto lhe é tanto menos perdoado por ela ser de origem senegalesa: uma forma de hipercorreção linguística teria sido para alguns/algumas o penhor de sua perfeita integração, em vez de... Como sempre, a língua é política.

Mas Sibeth Ndiaye é apenas a mais recente nesta linha de porta-vozes femininas cuja nomeação nós analisamos aqui: como a função de porta-voz cumpre ou desvia a maldição da fala pública feminina? De Georgina Dufoix, primeira mulher nomeada para esta função por François Mitterrand em 1984, a Sibeth Ndiaye, incluindo Catherine Trautmann, Valérie Pécresse e Najat Vallaud-Belkacem, trata-se de identificar o imaginário que circunda essa função no seio da atividade linguageira do poder e as apostas de sua encarnação por uma mulher.

³ Lembremos que a palavra 'tribun' não é do gênero feminino, a tribuna designa o estrado de onde o orador se dirige à Assembleia.

⁴ NT: "Meufs": um termo de gíria, usado por jovens que falam uma língua popular e/ou "da moda". Não desqualifica a pessoa a que se refere. Diz mais sobre a pessoa que o emprega. No caso, soou como inapropriado.

Pode-se interrogar sobre a significação exata da nomeação dessas mulheres para a função de porta-voz nos governos nos quais elas aportam a presença feminina, às vezes colorindo-os, sem qualquer retorno; e também interrogar sobre um relativo sucesso de um exercício linguageiro para o quais elas seriam a prioristicamente incompetentes se nós nos referirmos a sua tradicional exclusão da fala pública.

9 CANDIDATOS: A PROVAÇÃO

"O homem do passado/ O homem do passivo", "*Blanc bonnet ou bonnet blanc*"⁵, "Trabalhar mais para ganhar mais", "Meu verdadeiro adversário [...] é o mundo das finanças": nesta antologia que pertence a nosso patrimônio político nacional, fórmulas como essas marcaram nossa memória coletiva, e nelas a voz das mulheres está, no entanto, ausente, ou quase. Apenas a expressão "trabalhadoras, trabalhadores" de Arlette Laguiller, a primeira mulher candidata à presidência em 1974, atravessou esse espesso silêncio. Na maioria das vezes inaudíveis, as mulheres traçaram seu curso e aceitaram o desafio, como a já mencionada Arlette Laguiller, ou Huguette Bouchardeau em 1981, que se levanta contra o "ventriloquismo usurpador" e que não quer falar pelas outras, mas as encoraja a tomar a palavra; ou Eva Joly, cruelmente escarnecida por seu sotaque e mandada de volta às suas origens, quando ela proclama que "Na França, a esperança ressoa com todos os sotaques do mundo".

As campanhas de 2007, 2017 e 2022 viram a chegada, no segundo turno, de uma dupla formada por um homem e uma mulher: Ségolène Royal, apelidada de "la muette du sérail"⁶, e Marine Le Pen, que apesar da fama de aventureira entrou em colapso durante o debate de 2017 contra Emmanuel Macron e cujo desempenho em 2022 foi considerado muito ruim em comparação com o de seu oponente.

Esta chegada a um lugar – a Assembleia Nacional –, esta evocação de uma função – porta-voz do governo –, e de carreiras excepcionais como a de candidata presidencial, dizem-nos que a maldição que atinge a voz das mulheres está longe de ser conjurada. Hoje estimuladas a se expressar, elas são pegas em injunções contraditórias, e correm o risco, quando falam, de serem violentamente silenciadas: *#salepute*⁷. Setenta e três por cento das mulheres que se expressam na web sofreram *cyberbullying*. Os termos de seus agressores (homens, na maioria das vezes) são sempre os mesmos, a ponto de todas as mensagens parecerem vir do mesmo homem e se dirigirem à mesma mulher: o Homem, a Mulher.

Contra a tentação de se calar, porque a sanção por ter tomado da fala publicamente é muito forte, contra o desejo de voltar ao silêncio, é preciso que outras então se levantem e assumam o espaço deixado por suas antecessoras, porque a voz não pode ser privilégio de alguns, nem mesmo de algumas. O espaço público deve ressoar com sotaques diversos, palavras compartilhadas, vozes múltiplas. O desafio está à altura das apostas democráticas.

As bruxas da República colocarão fim à maldição da fala das mulheres. Elas estilhaçarão os cânones da eloquência, violarão as leis da retórica, desconstruirão as normas da comunicação. Defenderão dicções espasmódicas, dicções monótonas, dicções lentas. Elas falarão palavras que suspendem o debate e que, de repente, avultam-se em uma explosão verbal. Elas reabilitarão vozes agudas, vozes marginais e marginalizadas, sotaques populares, sotaques regionais, defenderão a biodiversidade das vozes. Elas nos lembrarão de

⁵ N.T.: Trata-se de uma expressão utilizada no século XVIII e popularizada pela frase "C'est blanc bonnet ou bonnet blanc", empregada pelo candidato comunista Jacques Duclos em 1969 ao referir-se a Georges Pompidou e Alain Poher, que se enfrentaram no segundo turno das eleições presidenciais, e ainda antes, em 1920, por Renaud Jean, Deputado comunista de Lot-et-Garonne. De modo geral, a expressão designaria duas coisas entre as quais não há distinção. Em português, uma expressão equivalente seria: "trocar seis por meia dúzia".

⁶ NT: Conforme estudo de Denis, Théophile, *Les muets du sérail* (1888), o papel dos surdos-mudos no serrallo revela-nos a existência de uma língua gestual, a do Sérail ou do silêncio como nos mosteiros cistercienses, era a regra e onde o Sultão, espécie de deus vivo, não deveria se rebaixar para falar com seus súditos. Então ele estava fazendo sinais para eles!

⁷ *#salepute* é o título de um marcante documentário das jornalistas Florence Hainaut e Myriam Leroy, produzido pela Kwassafilm e transmitido na Arte em 23 de junho de 2021. O documentário apresenta os testemunhos de uma dúzia de mulheres de diferentes países do mundo que descrevem o *cyberbullying* de que foram vítimas.

que é também preciso educar a escuta e de que “a verdadeira eloquência zomba da eloquência” (PASCAL, 1670). Bruxas da República, às suas tribunas: “Liberdade, igualdade, *adelphité*⁸!”

REFERÊNCIAS

BEARD, M. *Les femmes et le pouvoir*; un manifeste. Paris: Belin, 2018.

BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale*, 2 vol. Paris: Gallimard, 1974.

CHAIR collaborative. 2016. Disponível em: <https://chaircollaboratrice.wordpress.com>. Acesso em: 15 set. 2022.

CHEMIN, A. Sexismo na fala pública. *Le monde des idées*, 4 mar. 2017.

COULOMB-GULLY, M. *Présidente, le grand défi* – Femmes, politique et médias. Paris: Payot, 2012.

COULOMB-GULLY, M. *Sexisme sur la voix publique* – Femmes, éloquence et politique. La Tour-D'Aigues - France Editions de l'Aube, 2022.

CONSEIL supérieur de l'audiovisuel. *La représentation des femmes à la télévision et à la radio, rapport 2020*. 4 mar. 2021. Disponível em: <https://www.csa.fr/Informer/Collections-du-CSA/Observatoire-de-la-diversite/La-representation-des-femmes-a-la-television-et-a-la-radio-Rapport-sur-l-exercice-2020>. Acesso em: 27 set. 2021

FRASER, N. Repenser la sphère publique: une contribution à la critique de la démocratie telle qu'elle existe réellement. In: CALHOUN, C. (Dir.), *Habermas and the Public Sphere*. Cambridge, MIT Press, 1992. p. 109-142.

KARPF, A. *La voix, un univers invisible*. Paris: Autrement, 2008.

LE BRETON, D. *Éclats de voix*. Paris: Métailié, 2011.

LHÉRÉTÉ, H.; NAVARRE, M. (coord.). L'art de parler. *Sciences humaines*, n. 312, mar. 2019. Disponível em: https://www.scienceshumaines.com/l-art-de-parler_fr_40490.html. Acesso em: 13 set. 2022.

LORDE, A. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: LORDE, A. *Irmã outsider*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 49-54.

MONNET, C. La répartition des tâches entre les femmes et les hommes dans le travail de la conversation. *Nouvelles questions féministes*, v. 19, n. 1, p. 9-34, fev. 1998.

OGER, C. Dialectique de la parole et du silence; émergence et fonction de l'injure sexiste en politique. *Communication*, v. 25, n. 1, p. 11-45, 2006.

⁸ Adelphté é um neologismo criado a partir da raiz grega adelph – que deu origem às palavras gregas que significam “irmã” e “irmão” – para designar um projeto universal de irmandade. A expressão engloba as ideias de “sororidade”, que pressupõe uma irmandade entre mulheres, bem como a ideia de fraternidade, que pressupõe uma irmandade entre homens. Mas adelphité é um termo mais inclusivo: ele não se reduz nem a um e nem a outro, já que propõe uma aliança entre homens, mulheres e pessoas não-binárias. Em 2018, o Haut conseil à l'égalité entre les femmes et les hommes (HCE) propôs algumas recomendações para a revisão da Constituição na França. Entre elas, a substituição do lema francês “Liberté, Égalité, Fraternité” por “Liberté, Égalité, Adelphté”.

PASCAL, B. Géométrie-Finesse II (Série XXII). Fragment n. 2/ 2. *Pensées*, S 651–679. 1670. Disponível em: <https://polytropy.com/2021/04/21/pascal-pensees-s-651-679/>. Acesso em: 16 set. 2019.

SOLNIT, R. *Ces hommes qui m'expliquent la vie*. Paris: L'Olivier, 2014.



Recebido em 29/09/2022. Aceito em 16/10/2022.